

Maricultura é divulgada em vídeo

Documentário Mar & Cultura registra a pesca e o folclore catarinenses, enfatizando a importância da maricultura como opção sustentável e que tem o poder de transformar a vida das populações litorâneas **p. 12**



Foto: Tatiana Kviatkoski

Impresso

99129-5/2002-DR/SC

UFSC

CORREIOS



Jornal

Universitário

Universidade Federal de Santa Catarina - Abril de 2009 - N° 399

Foto: Júlio Otuyama

Expansão da UFSC também ocorre na Ilha

Paralelamente à interiorização (campi em Joinville, Curitibanos e Araranguá), a UFSC resolveu ampliar suas fronteiras também em Florianópolis, começando pela utilização de 250 mil metros quadrados no Sapiens Parque, no norte da Ilha **p. 4**

Desistência

Causas e saídas para a evasão **p. 6 e 7**

.....

Energia sustentável

Casa solar concorre na Espanha **p. 8**

.....

Cotidiano

Valorização de pessoas no trabalho **p. 10**

.....

Informação

Biblioteca e NPD melhoram atendimento **p. 4**



Do Editor

Universidade presente

"Há bens que são infinitamente desejáveis, como a educação e a saúde. Quanta saúde queremos? O máximo!" (Ex-reitor Caspar Erich Stemmer, ao receber o título de Professor Emérito, em 31/12/99)

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), reconhecida pela sua qualidade acadêmica no País e no exterior, tem se caracterizado como uma instituição participativa, crítica, democrática e presente nas grandes questões locais, regionais, nacionais e até internacionais.

Por conta de uma Política de Estado, não tem medido esforços para interiorizar e multiplicar as oportunidades de acesso ao ensino superior público e gratuito.

Paralelamente à expansão empreendida na sede, em Florianópolis, está implantando os campi de Joinville, Araranguá e Curitiba e, simultaneamente, vem tutelando a viabilização da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), com sede em Chapecó. Mesmo enfrentando dificuldades de toda ordem, inclusive no campo político e ideológico, a UFSC tem avançado no seu processo de democratização, levando o ensino, a extensão, a pesquisa e a cultura ao conjunto da população. Portanto, eventuais boicotes à interiorização e à manutenção da política de ações afirmativas não estão conseguindo esmorecer a Administração da Universidade no cumprimento de metas, objetivos, planos e, sobretudo, dos princípios que regem e orientam uma universidade digna do nome.

Os campi de Joinville, Curitiba e Araranguá e a Universidade Federal da Fronteira Sul respeitarão a vontade e as demandas das populações locais. O desafio apresenta-se imenso: partir do nada. Mas a garantia de que o sonho é possível de ser realizado é a própria UFSC, que há 48 anos nasce dentro de uma fazenda e hoje é o que é.

Espera-se que a suspensão dos concursos públicos e o adiamento das contratações de servidores e professores, anunciados pelo Governo contra a crise, não frustrem as expectativas criadas pela classe política, movimentos sociais e pelo próprio Poder Público.

Quando ao campus da UFSC em Joinville, é preciso dizer que os desafios não são poucos. A corajosa Administração da UFSC pretende superá-los com a ajuda de Joinville, do Estado e do Governo Federal. Pede apenas a compreensão da população e dos inimigos já declarados.

A UFSC está pagando caro porque quer beneficiar com ensino superior de qualidade a região Norte do Estado. Será que precisa recolher-se à Ilha ou tomar o rumo de Jaraguá para chegar mais perto do povo daí?



Caiu na cesta

A comunicação cuida da saúde da instituição

Moacir Loth

Desbancando a imprensa? No debate sobre a jornada de trabalho, o reitor da UFSC alçou o Ministério Público à condição de Quarto Poder.

Mais ou menos? Engenheiro da UFSC reclama da falta de planejamento do estacionamento da BU: em vez de aumentar, a área perdeu espaço. "Espero que algo seja feito: colocar o cara que teve essa ideia para cuidar do estacionamento... e proibi-lo de usar o carro", desabafa.

Mina. O agitador Jói Clétison é hoje o grande divulgador da cultura açoriana no Estado (quicá no mundo). A Exposição Açores pode ser visitada no Espaço Cultural do Núcleo de Estudos Açorianos (NEA). Sem dúvida, é um nicho.

Alô... Alô... Alô... Os telefones cansam de tocar na universidade. Tem setor onde só a secretária eletrônica atende!

Só melhorias! Com fusão do BB e do Besc, quem sai ganhando? Por enquanto, quem está perdendo são os clientes e funcionários do "Banco dos catarinenses".

Uma cara para o Jornalismo. "Apesar de ser fundamental para o exercício da democracia, o Jornalismo enfrenta hoje um dilema de ser um curso sem personalidade própria, e por isso é importante que se forme um jornalista para a sociedade e não para as empresas e corporações" (José Marques de Melo, presidente da comissão de especialistas que subsidiará o MEC na revisão das diretrizes curriculares do Curso de Jornalismo). O professor Eduardo Barreto Vianna Meditsch, da UFSC, integra o grupo.

Bola cheia no campo dos Volantes



Lacunas. Foi emocionante, lindo, mas faltaram, pelo menos, quatro coisas na comemoração dos 30 anos do melhor curso de Jornalismo do País: uma merecida homenagem ao ex-reitor Caspar Erich Stemmer, que, embora ligado ao regime, reuniu coragem para tal decisão; o sempre aguardado livro de Moacir Pereira, fundador, primeiro coordenador e detentor de precioso material oficial e histórico; o convite à mesa inaugural de alguém do grupo derrotado na guerra jornalismo versus comunicação; e uma referência especial, ao lado de Daniel Hertz, ao pensador Adelmo Genro Filho. As homenagens e a obra estão na pauta. A dívida continuará sendo ouvir o outro lado.

Fazendo a diferença. O reitor Prata acompanhou de perto o Jornalismo e notou "essa inquietude de sempre fazer diferente, melhor".

A história dos vencedores. Presidenta do "Tribunal de Ética dos Jornalistas do Chile" e professora da primeira turma de Jornalismo da UFSC, Maria Elena Hermsilla não se segurou quando soube da cisão no curso. "Perdi um carnaval acadêmico ridículo: a guerra surrealista entre Jornalismo e Comunicação". Merecia, na sua opinião, uma charge.

Longe da briga, Moacir Pereira comemorou: "felizmente venceu quem queria o jornalismo".

Lembrança. No aniversário do Jornalismo, a deferência à Agecom coube à Federação Nacional dos Jornalistas Profissionais (Fenaj), pelo apoio na viabilização do livro *Formação Superior em Jornalismo*.

Toque de classe. O pró-reitor Luiz Alberton, da Seplan, embora não quisesse, provocou gargalhadas na reunião com os auditores da Controladoria Geral da União (CGU): "Sejam bem-vindos e voltem sempre!"

Frase

Devemos estar cientes da necessidade do servidor público ter uma postura pró-ativa e empreendedora e de saber que a sua ação isolada faz parte de uma rede de comprometimentos de outros profissionais. (Marisa Coral, diretora do HU)



Foto: Cláudia Reis/ Agecom

Sangue bom. A UFSC conduziu exemplarmente a recepção aos novos alunos. O trote solidário ficou marcado pela doação de sangue no Centro de Cultura e Eventos, que mobilizou calouros, veteranos, professores e trabalhadores técnico-administrativos. O Banco de Sangue do HU ficaria emocionado se essa prática cidadã se incorporasse ao cotidiano do campus...

Memória

Solenidade de inauguração da placa comemorativa aos 50 anos do Curso de Economia. À direita da professora Sylvia Amélia, o professor Dilvo Ristoff, então pró-reitor de Ensino, o professor Ademar Arcângelo Cirimbelli, diretor do CSE, e o professor Egon Martignago (de branco) do Departamento de Economia.

A foto e a legenda foram retiradas do livro *O Curso de Economia da UFSC - 65 anos de história*, de autoria de Pedro Antonio Vieira e César Augusto Félix e publicado pela Insular.



Expediente

Elaborado pela Agecom -

Agência de Comunicação da UFSC

Campus Universitário - Trindade - Caixa Postal 476

CEP 88040-970, Florianópolis - SC

www.agecom.ufsc.br, agecom@edugraf.ufsc.br

Fones: (48) 3721-9233 e 3721-9323. Fax: 3721-9684

Diretor e Editor Responsável:

Moacir Loth - SC 00397 JP

Coord. de Divulgação e Marketing/ Redação:

Artemio R. de Souza (Jornalista)

Alita Diana (Jornalista)

Arley Reis (Jornalista)

Andréia Compagnoni Lubini (Bolsista)

Celita Campos (Jornalista)

Erich Casagrande (Bolsista)

José A. de Souza (Jornalista)

Júlio Ettore do Nascimento (Bolsista)

Mara Paiva (Jornalista)

Margareth Rossi (Jornalista)

Maria Luiza de Oliveira Gil (Bolsista)

Paulo Clóvis Schmitz (Jornalista)

Paulo Fernando Liedtke

Paulo da Rocha Azevedo (Bolsista)

Tiago de Carvalho Pereira (Bolsista)

Fotografia:

Jones J. Bastos

Paulo Noronha

Arquivo Fotográfico

Ledair Petry

Tania Regina de Souza

Editoração e Projeto Gráfico:

Jorge Luiz Wagner Behr

Cláudia Schaun Reis (Jornalista)

Divisão de Gestão e Expediente:

João Pedro Tavares Filho (Coord.)

Beatriz S. Prado (Expediente)

Rogéria D'El Rei S. S. Martins

Romilda de Assis (Apoio)

Impressão: Jojafa Comunicação e Marketing Ltda



Um espelho no banheiro

Foto: sxc.hu

Apesar de estarmos no século XXI algumas questões ainda permanecem estagnadas no serviço público, principalmente na universidade. Uma delas é o completo desconhecimento da "mulheridade". Uso esse conceito em vez do de "gênero" porque o segundo não me compraz. Parece-me que de alguma forma esteriliza as lutas pela emancipação das mulheres e torna tudo meio gosmento, sem identidade. Por isso inventei o conceito de "mulheridade", porque creio que falar da mulher é falar da diferença e da posição de classe. Não dá para só pensar na mulher como um gênero, porque este gênero se divide em classes e as mulheres da classe dominante são tão opressoras quanto os homens, por isso não me permito misturar as coisas.

Quando digo mulheridade quero falar do jeito específico de ser mulher trabalhadora, lutadora, cheia de vontade de mudar esse mundo que aí está como espaço do consumo, da dominação, do medo e da opressão.

Pois um dos aspectos da mulheridade é a beleza. E isso bem que poderia ser considerada coisa do gênero, porque é comum às mulheres que oprimem e às que lutam. Há uma coisa em nós que nos move na direção da

beleza, esse jeito de escolher um adereço, uma pintura. Pode ser a mulher mais pobre do mundo, mas ela sempre vai encontrar um jeito de realçar o que é bonito nela. Por isso me encantam as mulheres indianas. Mesmo na mais triste miséria elas vestem-se de cores, pulseiras e pingentes. Sabem que a beleza é um estado de espírito e que se precisa dela para ter força de lutar e mudar as coisas. A beleza nos aquece, entenece, salva. Veja a diferença de uma Margareth Thatcher, a dama de ferro inglesa, com seus terninhos sem sal e o cabelo armado como um capacete. Mulher sem mulheridade. No poder feito um homem, com toda a sua vileza, crueldade, desprovida de ternura.

Outra coisa que atrai as mulheres é o espelho. Filhas diletas de narciso elas não podem ver um. Porque as mulheres cheias de mulheridade gostam de se ver. No reflexo invertido elas saúdam a beleza, a graça, a ternura que brota nos seus corpos, nos olhos cheios de brilho e vontade de transformar as coisas em volta. Esse adereço indispensável é coisa mítica, é primal. Sem a imagem por inteiro antes do arrancar para o dia, parece que falta algo. É por isso que as mulheres aproveitam cada falso-espelho como as vitrines, por exemplo. Parece

que há sempre que confirmar a beleza que nos é intrínseca.

Na Universidade Federal de Santa Catarina o único banheiro a ter um espelho onde a gente se vê por inteiro é o Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Pudera. Ele, geralmente, é dirigido por mulheres. E elas lá sabem muito bem da mulheridade que lhes cabe. Sempre falei deste delicado detalhe do CFH, sonhando com o dia em que o Centro onde trabalho também tivesse espelhos de se ver por inteiro no banheiro feminino. Mas, os demais centros são masculinos demais, incapazes de um gesto de ternura e compreensão da mulheridade.

Pois, ao voltar à ativa neste janeiro, tomei um susto. Susto bom. Ao entrar no banheiro do Centro Sócio-Econômico lá estava ele. Enorme. Desci as escadas conferindo o banheiro de cada andar. E, em todos, assomava o santo

oráculo da beleza feminina. Isso me deu um alento. Se no CSE, ao assumir a nova direção sob o comando de Ricardo Oliveira, deu-se um passo na direção da compreensão da mulheridade, isso significa que esta universidade pode, sim, um dia mudar. Sair do atraso, do conservadorismo, do pensamento único, patriarcal, colonialista. O professor Ricardo me surpreendeu com esse gesto de profunda ternura e me deu esperanças! Isso foi um bom começo de ano!

Elaine Tavares
Jornalista na UFSC

A Universidade da Fronteira Sul

Foto: sxc.hu

A Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) já nasce multicampi. Com sede na cidade de Chapecó, a UFFS terá, também, campi nas cidades gaúchas de Cerro Largo e Erechim e nas cidades paranaenses de Realeza e Laranjeiras do Sul. Trata-se de uma universidade voltada para a população dos 396 municípios que compõem a Mesorregião da Fronteira do Mercosul – uma região historicamente desassistida pelo poder público, especialmente no tocante ao acesso à educação superior, e classificada como estagnada pelo Ministério da Integração Nacional.

Uma universidade de verdade pre-

cisa ser sensível aos pleitos das pessoas pobres, sofridas, humilhadas, excluídas, rejeitadas; dos adolescentes desesperançados, sem oportunidades, e à falta de solidariedade que zomba da vida humana.

Nossos desafios são muitos, portanto: (1) construir uma universidade que se inspire nos valores clássicos desta instituição milenar e coloque, efetivamente, a arte e a ciência, através do ensino, da pesquisa e da extensão, a serviço de toda a população da região da fronteira sul, envolvendo-a na produção de conhecimento e na solução dos problemas sociais existentes; (2) uma universidade que seja instrumento de liberação das energias criativas dos jovens da região,

colocando estas energias a serviço de toda a população e melhorando as suas condições de mobilidade social; (3) uma universidade que se torne um importante motor do desenvolvimento da região em que se insere. Não é preciso ser visionário para vislumbrar, num futuro não muito distante, as pequenas cidades onde hoje os cinco campi serão instalados como importantes polos educacionais, com forte impacto sobre a economia e a qualidade de vida das comunidades da região.

A im-
planta-

ção da UFFS nos coloca diante de uma oportunidade histórica para ajudar a melhorar a educação dos três estados do Sul, pois não haverá de faltar o apoio, nem do governo federal, nem dos governos municipais e estaduais, nem dos movimentos sociais e da população em geral, para que a UFFS entre em funcionamento já no ano que vem. Graças à tutoria da UFSC, podemos ter a certeza de que o desafio que está diante de nós será vencido com agilidade e qualidade.

Dilvo Ristoff

Professor da UFSC, presidente da Comissão de Implantação da Universidade Federal da Fronteira Sul

Os artigos são de inteira responsabilidade de seus autores

UFSC avança suas fronteiras na Ilha

Áreas no Sapiens e na Baía Sul permitirão investimentos na pesquisa e no futuro Parque da Ciência

Paulo Clóvis Schmitz
Jornalista na Agecom

A expansão da Universidade Federal de Santa Catarina não está se dando apenas por meio da instalação dos novos campi de Joinville, Curitiba e Araranguá e do aumento da procura pelo ensino a distância. A autorização para uso de uma área de 250 mil metros quadrados no Sapiens Parque, no norte da Ilha de Santa Catarina, era uma antiga reivindicação que agora foi atendida e que permitirá à instituição estabelecer novas parcerias.

A primeira ação é a viabilidade de um centro de pesquisa e inovação tecnológica, fruto da parceria entre o Centro Tecnológico da UFSC e a Petrobrás. Os recursos para a obra já estão garantidos e a parte construída chegará a 9 mil metros quadrados.

Ali, serão desenvolvidas pesquisas nas áreas de dutos para o transporte de petróleo e gás e ferramentas de inspeção e engenharia de reservatórios. A licença ambiental já foi liberada pela Fundação do Meio Ambiente do Estado (Fatma) e as obras devem ser iniciadas imediatamente.

No Sapiens, a universidade também vai criar o Centro de Pesquisas Farmacológicas, um projeto comandado pelo professor João Batista Calixto, do Centro de Ciências Biológicas da UFSC, pesquisador do CNPq e membro da Academia Brasileira de Ciências. O centro atuará na pesquisa e produção de fármacos, num prédio de 2 mil metros quadrados e com recursos da Finep.

No médio e longo prazos, a universidade planeja implantar novos projetos e setores no Sapiens, como o Instituto de Neurociências. Em vista

da importância do parque, o governo do Estado já assumiu o compromisso de duplicar a rodovia até lá.

Parque da Ciência – Além disso, a UFSC solicitou ao Patrimônio da União uma área de cinco hectares (50 mil metros quadrados) no aterro da Baía Sul, no bairro Saco dos Limões, para a implantação do Parque da Ciência, que terá, entre outras instalações, um centro de divulgação científica, museu ao ar livre, planetário, praça de esportes, ciclovia, centro de eventos multiuso para 7 mil pessoas, centro de educação infantil, auditório e biblioteca. O projeto já está pronto e, uma vez em operação, o parque será uma grande opção para divulgar a ciência junto à população.

“A intenção é promover e levar a ciência para o grande público”, reforça o reitor Alvaro Toubes Prata.

Serão beneficiadas especialmente as escolas, dentro da política da instituição de se aproximar e devolver à sociedade os investimentos feitos por esta na educação superior.

A universidade tem ainda procurado investir na construção de laboratórios de multiuso. Exemplos são o Centro de Microscopia Eletrônica, que é hoje uma das referências da instituição, e o Centro de Biologia Molecular Estrutural, que está em fase de conclusão. “A UFSC está passando por um grande momento e projetando grandes conquistas”, fala o reitor, que aposta na qualificação e sofisticação do maior número possível de laboratórios para melhorar o ensino e a pesquisa. A expansão das áreas da universidade decorre do esgotamento da capacidade de crescimento das instalações no campus da Trindade.



Júlio Otuyama, ex-aluno da pós-graduação em Ciências da Computação, registrou a UFSC em 360 graus: da esquerda p/direita: o Centro de Comunicação e Expressão, o prédio da Reitoria e o Centro de Cultura e Eventos

Núcleo de Processamento de Dados inicia projeto de qualidade e melhoria de processos

Projeto tem como principal objetivo desenvolver capacitação do NPD para atender às demandas da Universidade

José Antônio de Souza
Jornalista na Agecom

Em março ocorreu a abertura oficial do projeto de desenvolvimento institucional do Núcleo de Processamento de Dados (NPD). O projeto, que será realizado em parceria com o Laboratório de Desenvolvimento de Software (Labssoft) do Departamento de Informática e Estatística (INE), tem como principal objetivo o desenvolvimento da capacitação do NPD para atender a todas as demandas da UFSC, conforme questões estratégicas e exigências governamentais.

A UFSC hoje apresenta uma projeção de cenário muito além da capacidade atual do NPD, por sua expansão em novos campi, em decorrência da adesão ao Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

(REUNI), pelas exigências apresentadas pelo Tribunal de Contas da União (TCU).

O Pró-Reitor João Batista Furtuoso, da Pró-Reitoria de Infraestrutura da UFSC, garantiu que o projeto foi pensado para dar resultados ainda durante a sua execução. “Nós queremos que, a partir desse projeto, a UFSC se torne referência na produção de software através do NPD”, salientou Furtuoso. O projeto vai padronizar o tratamento da informação.

O diretor Márcio Cledes disse que eles precisam repassar o conhecimento tácito adquirido nos anos de experiência no setor, uma vez que muitos projetos são resolvidos através das experiências vividas ao longo dos anos de serviço. A soma das novas técnicas e o conhecimento tácito vão contribuir, decisivamente, para que a informação se torne mais acessível a todos.



A proposta é padronizar o tratamento da informação. A meta é tornar a UFSC referência na produção de software, através do NPD

Biblioteca Universitária inaugura Laboratório de Capacitação no Uso de Recursos On-line

Professores e alunos de graduação, mestrado e doutorado poderão acessar todos os títulos do Portal de Periódicos da Capes

A Biblioteca Universitária da UFSC inaugurou no início de março o Laboratório de Capacitação no Uso dos Recursos On-line, que disponibiliza uma sala com 20 microcomputadores para facilitar a pesquisa e a consulta aos 12.531 títulos do Portal de Periódicos da Capes. Professores e alunos de graduação, mestrado e doutorado poderão aprofundar suas pesquisas no local, fazendo uso de publicações científicas editadas em todo o mundo. “Este era um sonho de nove anos da biblioteca que agora se concretiza”, diz a diretora da BU, Narcisa de Fátima Amboni.

A diretora afirma que a UFSC merecia um laboratório nesses moldes. Os funcionários da biblioteca central vêm sendo treinados para maximizar os resultados do uso dos equipamentos. “O laboratório vai contribuir para o desenvolvimento da pesquisa e da ciência dentro da universidade”, afirma Narcisa.

A Capes entrou com os computadores, datashow e telão, cabendo à UFSC a instalação das redes elétrica e lógica, a compra do mobiliário e a cessão do espaço físico. “Os pós-graduandos da universidade poderão disponibilizar as pesquisas que realizam para seus pa-

res, como já acontece com as outras instituições de ensino superior do país onde o projeto-piloto foi implantado de 2008”, diz Clarimar Valle, representante da Capes.

Lançado há uma década, o Portal de Periódicos começou com cerca de 1.500 títulos, mas vem ampliando ano a ano o número de publicações que oferece para professores, cientistas e estudantes de universidades e institutos de pesquisa de todo o Brasil. **(P.C.S.)**



(da esq p/ dir) Narcisa, diretora da BU, Clarimar Valle, da Capes e o pró-reitor de Infraestrutura, João Batista

Últimas homenagens ao reitor da Reforma Universitária

Reitor de 1972 a 1976, o professor Roberto Mündell de Lacerda faleceu dia 2 de março, após lutar contra um câncer



Lacerda tinha 83 anos e era formado em Direito. Foi o segundo reitor da instituição e recebeu o título de Professor Emérito. Terminou a implantação da Reforma Universitária, iniciada em 1969, trazendo a UFSC para o campus da Trindade. Ao fim do mandato do ex-reitor Ferreira Lima, só a Filosofia e a Engenharia estavam instaladas.

Na Administração Central da UFSC criou condições para o desenvolvimento da pesquisa científica e dos cursos de pós-graduação, dando também continuidade ao trabalho de titulação do corpo docente.

Em sua gestão foram construídos 39 mil metros quadrados, sendo dobrada a área do campus. Foi dada a continuidade à obra de construção do Hospital Universitário e construída a Biblioteca Universitária.

Foram também criados 15 novos cursos regulares, entre graduações e pós-graduações, especializações e aperfei-

çoamentos, tendo sido realizados mais de 400 cursos de extensão.

A Administração da UFSC mandou celebrar missa de sétimo dia, em 09 de março, no Templo Ecumênico da UFSC.

A cerimônia contou com a presença dos ex-reitores Caspar Erich Stemmer, Ernani Bayer, Rodolfo Joaquim Pinto da Luz, Antônio Diomário de Queiroz e Lucio José Botelho (foto). O ex-reitor Bruno Schlemper Júnior justificou sua ausência por motivo de viagem.

Prestigiaram o evento também o reitor Alvaro Toubes Prata, o vice-reitor Carlos Alberto Justo da Silva (Paraná), além de familiares do ex-reitor.

Professor Emérito, Lacerda destacou-se à frente da UFSC pela implantação e consolidação da reforma universitária, iniciada na gestão do primeiro reitor, professor João David Ferreira Lima. "Atendendo às expectativas dos estudantes, o Dr. Roberto, como era chamado, estruturou e modernizou a universidade",

sublinhou Bayer no seu relato.

Segundo o reitor Alvaro Prata, o ex-reitor era um homem correto, ético, competente e afeito ao diálogo. "Um exemplo para todos nós", destacou.

Alita Diana/jornalista da Agecom, com dados coletados da pesquisa realizada pela ex-aluna Natália Viana Silva, para conclusão do Curso de Jornalismo. Pesquisa encartada no *Jornal Universitário (JU)*, em novembro de 2000, em homenagem aos 40 anos da instituição.



Foto: Jones Bastos/ Agecom

UFSC intensifica cooperação internacional

Alita Diana

Jornalista da Agecom

A internacionalização da UFSC se faz visível. Seja pelo aumento de convênios e acordos de cooperação, pelo incremento da mobilidade acadêmica e por um número cada dia mais notável de visitas de comitivas estrangeiras, como as da Universidade de Hinan, província central da China, do Instituto Politécnico de Setúbal, de Portugal e da Friedrich-Alexander-Universität Erlangen Nürnberg, da Alemanha. As três estiveram na UFSC em março, assistidas pelo professor Paulo Lovato, diretor do Departamento de Cooperação Acadêmica da Secretaria de Relações Institucionais e Internacionais (Sinter).

Comitiva chinesa

O reitor Guo Xinhe, o vice-reitor Guo Almin, que também serviu de intérprete, e o diretor da Escola de Assuntos Internacionais Li Yuandong, encontraram com professores das pós-graduações em Engenharia de Produção e Gestão do Conhecimento. Constataram que há muitas linhas de pesquisa e estudos em comum e que desejam estabelecer uma ligação entre a pesquisa e o desenvolvimento com o setor produtivo. Também estiveram no Centro de Comunicação e Expressão (CCE) obtendo informações sobre os cursos de português para estrangeiros e sobre cursos que a UFSC oferece de chinês. Além disso, demonstraram interesse em levar o ensino de português para a Universidade de Hinan, já que possuem convênio com o Estado de Santa Catarina. Um acordo de cooperação entre a UFSC e a Universidade de Hinan foi assinado.

Comitiva alemã

O vice-reitor da UFSC, Carlos Alberto Justo da Silva (o Paraná), recebeu o vice-reitor da Friedrich-Alexander-Universität Erlangen Nürnberg, Klaus Meyer-Wegener, e a diretora do Centro Universitário da Baviera para América Latina (BayLAT), Irma Silvana de Melo-Reiners. Também participaram do encontro o diretor do Departamento de Articulação Institucional (DEARTI), Louis Roberto Westphal.

A visita teve como objetivo analisar a aproximação das duas universidades através de programas de cooperação. Desenvolver estudos relacionados à língua e literatura alemãs e trocar informações sobre a área de engenharia de mobilidade foram pontos mencionados.

Irma de Melo-Reiners explica que o BayLAT atua em todo o Estado da Baviera, coordenando contatos com a América Latina na procura de parceiros. "O BayLAT se coloca à disposição da UFSC a fim de colaborar para que os programas de cooperação se efetivem".

Comitiva portuguesa

A comitiva portuguesa era composta pelo Presidente (Reitor) professor Armando Pires, Coordenadora de Relações Internacionais, professora Albertina Palma e a Diretora da Escola Superior de Saúde professora Fernanda Pestana. Foi também assinado acordo de cooperação com a UFSC, já prevendo que no segundo semestre de 2009 se inicie o intercâmbio de alunos de graduação.

O Instituto possui 6.500 alunos de graduação e pós-graduação e 500 professores. Passou a integrar a Rede Santander com Programa de Bolsas para a América Latina. Visitaram os Centros Tecnológico (CTC); de Comunicação e Expressão (CCE); de Desportos (CDS) e o Centro de Educação (CED).

Nasce novo polo de tecnologia na Capital

Cláudia Schaun Reis

Jornalista na Agecom

O diretor presidente do Serviço Federal de Processamento de Dados (Serpro), Marcos Mazoni, o assessor da Presidência da República, José Aquino e o superintendente comercial da Fundação Certi, Laércio Aniceto Silva, reuniram-se no dia 13/03 com o vice-reitor Carlos Alberto Justo da Silva (o Paraná) a fim de antecipar informações sobre a inauguração do Polo de Desenvolvimento de Sistema da Serpro, que aconteceu no dia 16/03, na Alfama, no Parque Tecnológico Alpha, em Florianópolis.

Mazoni entende que a Universidade é importante parceira no desenvolvimento de conhecimentos tecnológicos. "Sempre cito como exemplo a UFSC, porque conheço Florianópolis há 25 anos e percebo como a sociedade se transformou a partir da chegada da Universidade na Capital". Essa percepção, talvez, tenha sido decisiva para a implantação do Polo em Florianópolis. "A Serpro estava parada há 20 anos, e há apenas seis retomamos nosso crescimento. Isso significa que, depois de duas décadas, a primeira sede que inauguraremos estará sediada na Capital catarinense". O Polo deve abarcar, inicialmente, 40 profissionais, já selecionados através de concurso, e pretende também trabalhar com bolsistas alunos da UFSC.

O vice-reitor valorizou o trabalho das fundações de apoio à pesquisa que, para ele, servem de ponte entre o mercado de trabalho e a universidade. "A Fundação Centros de Referência em Tecnologias Inovadoras (Certi) tem tradição de parceria produtiva, que dá retorno à sociedade, tem compromisso com prazos e tarefas. Tanto o mercado público quanto o privado falam sobre a necessidade de conciliar o tempo da universidade com o do mercado, e as fundações estão aí para diminuir essas diferenças".

A Serpro é uma empresa pública vinculada ao Ministério da Fazenda, e é responsável pelo desenvolvimento de softwares como o do Imposto de Renda, o da nova Carteira Nacional de Habilitação e o do novo Passaporte Brasileiro.

Foto: Jones Bastos/ Agecom



(da esq p/ dir) José Aquino, assessor da Presidência da República, Marcos Mazoni, diretor presidente da Serpro, Laércio Silva, superintendente comercial da Certi e Carlos Alberto Justo da Silva, vice-reitor

Pesquisador explica evasão na universidade

Gabriela Bazzo

Especial para o *JU*

Problema comum a todas as universidades brasileiras, a evasão tem diferentes causas e, por conta do prejuízo que traz às instituições e à própria sociedade, vem merecendo a atenção de especialistas e gestores dentro do próprio sistema de ensino superior no país. Renato Cislighi, professor associado do Departamento de Informática e Estatística (INE) da UFSC, diz que um estudante normalmente não abandona seu curso por uma razão em particular, mas por uma série de razões. Muitas vezes, as causas têm ordem financeira, em outros casos o aluno descobre que está no curso errado ou que não recebe o conteúdo esperado dentro da opção que escolheu.

Especialista em Análise de Sistemas de Informação e em Administração Universitária, além de mestre em Engenharia de Produção, o professor Renato Cislighi afirma que somente a partir de 2007, com o Reuni, é que se dotou as universidades federais de condições necessárias para a ampliação do acesso e permanência dos estudantes na educação superior. Ele aconselha as universidades a garantirem, além do apoio assistencial tradicional, bolsas de estudo e de trabalho para melhorar a condição dos alunos com maiores problemas financeiros e de adaptação nos seus quadros.

Foto: Jones Bastos/ Agecom

Quantos alunos em média abandonam os cursos da UFSC anualmente?

Existem diferentes formas de quantificar a evasão, inclusive conceitos diferentes de evasão. Há defensores de um critério que não considera evadido um estudante que apesar de trocar de curso ou de instituição, não abandona os estudos e este processo é chamado de mobilidade. Inclusive na comunidade europeia vem se consolidando o chamado Processo de Bologna, que visa exatamente à redução das perdas pessoais e institucionais decorrentes das transferências feitas por estudantes entre países, instituições e cursos e, neste sentido, os governos estão procurando criar padrões curriculares mais simples e adequá-los às demandas da sociedade e do mercado de trabalho. Mas independentemente do conceito de evasão adotado, cerca de metade dos estudantes da UFSC que iniciam um curso não chegam à diplomação deste curso, embora existam enormes diferenças entre os índices de diplomação nos diversos cursos. Se por um lado os estudantes de Medicina, Odontologia, Direito e Jornalismo atingem cerca de 90% de diplomação, no outro extremo os estudantes de Matemática, Física, de algumas modalidades de Letras e Filosofia dificilmente chegam a 20%. São milhares de abandonos, desistências e transferências por ano.

Existe um perfil comum desses estudantes? Se sim, qual esse perfil?

Não com a clareza que deveria. Na realidade, como existem diferenças nos níveis de abandono e desistência dos diversos cursos, certamente existem distintas causas predominantes que levam à evasão e perfis diferentes de estudantes evadidos. A UFSC não se diferencia do conjunto de instituições públicas do ensino superior brasileiras, as quais trabalham com um orçamento limitado e sempre com uma enorme demanda de vagas, verificáveis pelas altas relações candidatos x vaga dos cursos que oferecem. Oscilando entre priorizar o ensino ou a pesquisa, enfrentando dificuldades com uma legislação que restringe a gestão financeira e de pessoal e ainda sofrendo descontinuidades político-administrativas decorrentes da alternância de mandatos dentro e fora da instituição, não vinha existindo uma preocupação com a redução da evasão nem uma política institucional para reduzi-la. O último esforço de peso realizado pelos órgãos oficiais da área de educação superior gerou, em 1996, um diagnóstico do problema da evasão nas instituições públicas de ensino superior. Desde então não foi dada seqüência aos esforços necessários para conhecer, dimensionar e combater o problema de forma intensa e contínua. Somente em 2007, com o lançamento pelo Governo Federal do Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, conhecido como REUNI, passou a existir um esforço oficial para dotar as universidades federais das condições necessárias para ampliação do acesso e permanência na educação superior. É um programa que gera controvérsias, mas a partir dele devem começar a ser reconhecidos os esforços feitos e resultados obtidos para que os ingressantes no ensino superior cheguem à diplomação.

“É preciso considerar que um grande contingente de estudantes é formado por jovens que ingressam na UFSC vindos direto do ensino médio e que precisam de apoio e orientação para que se adaptem a um novo ritmo de vida e sistema de ensino-aprendizagem, inclusive para sanar as deficiências na sua formação escolar progressa”



Quais medidas a universidade deve tomar para reduzir o número de alunos que abandonam os cursos?

Antes de qualquer coisa é preciso considerar que o estudante é um ser completo, com necessidades e interesses que vão bem além de um número de matrícula. Isso significa que não basta oferecer vagas em turmas de disciplinas, de forma massificada e impessoal. É preciso considerar que um grande contingente de estudantes é formado por jovens que ingressam na UFSC vindos direto do ensino médio e que precisam de apoio e orientação para que se adaptem a um novo ritmo de vida e sistema de ensino-aprendizagem, inclusive para sanar as deficiências na sua formação escolar progressa.

É preciso um processo institucional de recepção dos calouros que se estenda por um ou dois semestres, facilitando a integração social e acadêmica destes indivíduos, pois os maiores índices de evasão ocorrem exatamente no início dos cursos. Outro ponto que merece a atenção da instituição, tanto dos gestores da sua alta administração quanto dos chefes de departamento e coordenadores de curso, é que existem necessidades diferentes entre os estudantes e que uma coisa é o estudante poder permanecer frequentando um curso e outra é ele querer permanecer. Ou seja: não basta garantir alguns mecanismos de apoio assistencial como subsídios para alimentação, moradia e estudo, através do Restaurante Universitário, da Moradia Estudantil, da Biblioteca e do Labgrad, além do oferecer alguns tipos de bolsas de estudo e trabalho. Esse tipo de apoio é importante, mas há limitações orçamentárias e é essencial apenas para a subsistência daqueles estudantes que precisam dele para viabilizar sua permanência nos estudos.

Entretanto, há também um conjunto de outras questões que podem contribuir para manter ou afastar os estudantes e muitas delas dizem respeito diretamente à instituição, como a qualidade dos cursos oferecidos, de seus currículos estarem atualizados, do corpo docente ser qualificado e estar motivado, da qualidade do acervo e da quantidade de exemplares nas bibliotecas, de existirem serviços de atendimento psicológico e de saúde, orientação acadêmica e profissional, estrutura para a prática de esportes e atividades socioculturais etc. Mas tudo isso depende primordialmente de uma questão política da instituição, assumindo claramente que a redução da evasão e a promoção da permanência discente são prioridades. Pessoalmente eu acredito que há muito que fazer na UFSC para reduzir os seus níveis de evasão discente e que esta é uma oportunidade para que a nossa instituição se destaque em mais uma área em nível nacional.

Continua

Por onde a UFSC pode iniciar um trabalho para reduzir a evasão?

Acredito que o trabalho já foi iniciado por uma comissão encarregada de assessorar a administração central da UFSC no programa REUNI. Mas é preciso ter clareza de que, embora seja importante construir mais espaço físico, equipar laboratórios e contratar pessoal, mais importante ainda é disponibilizar um suporte informacional mínimo aos gestores de todos os níveis, como coordenadores e colegiados de curso, chefes de departamento, diretores de centro, pró-reitores e responsáveis por vários outros órgãos da UFSC, que os apoiem no monitoramento cotidiano das condições que influenciam a evasão discente e que possam auxiliá-los a selecionar e conduzir intervenções institucionais para a promoção da permanência dos estudantes, inclusive reduzindo o tempo médio necessário à integralização curricular.

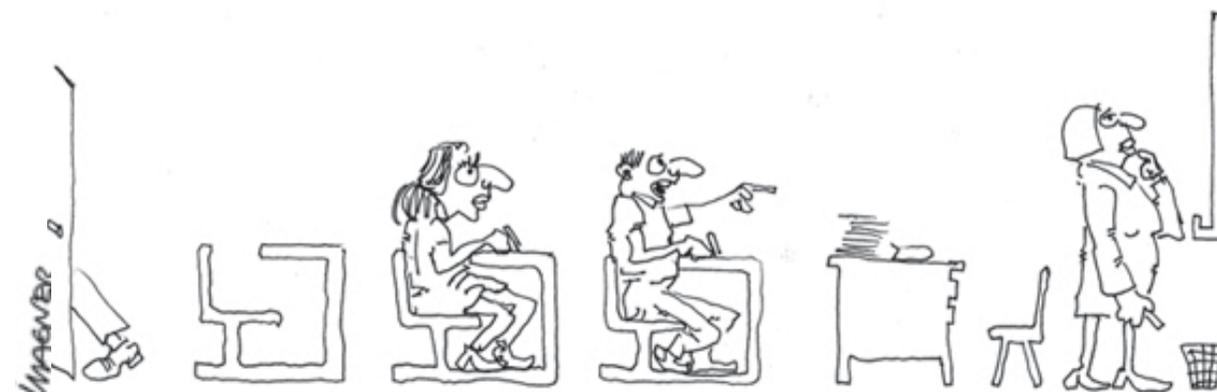
O passo inicial é considerar o combate à evasão importante e, a seguir, assumir que este combate é responsabilidade de todos que trabalham na instituição. Trata-se de um processo que envolve uma mudança cultural e, como tal, demanda tempo e requer firmeza por parte de todas as lideranças institucionais. É preciso institucionalizar e instrumentalizar o processo de gestão para a promoção da permanência, evitando que ocorram apenas iniciativas isoladas e esporádicas para reduzir os níveis absurdos de evasão que temos não só na UFSC, mas no sistema de educação superior brasileiro como um todo. Atualmente o problema é tão grande que é muito difícil não se conseguir melhorias significativas em um período de tempo relativamente pequeno.

Quais as principais causas para o abandono dos cursos?

É preciso ter clareza de que um estudante normalmente abandona seu curso por um conjunto de razões e não apenas por uma razão em particular. A evasão é resultado de um processo de desgaste e enfraquecimento de uma decisão inicial do estudante de frequentar determinado curso e que, num determinado momento, acontece por causa de uma gota de água. De qualquer forma são citadas inúmeras causas para a evasão nas informações prestadas por ex-alunos evadidos e, entre elas, destacam-se algumas. As dificuldades financeiras são apontadas freqüentemente e isto se reflete na necessidade de trabalhar e na decorrente falta de tempo para conciliar a vida profissional com a de estudante, agravada pelos cursos que têm aulas em mais de um turno. Também associadas às questões financeiras, são apontadas como causas a desvalorização do diploma no mercado de trabalho, a falta de perspectivas de colocação e a baixa remuneração aos graduados de vários cursos. Aspectos acadêmicos e limitações dos cursos também são causas freqüentemente apontadas para a evasão, aí incluídas a defasagem dos currículos em relação às demandas atuais do mercado, currículos longos e engessados devido à rigidez das cadeias de pré-requisitos e a fraca formação prática e profissionalizante oferecida. Adicionalmente, há questões pessoais que também levam à evasão, desde a frustração com o curso devido à escolha imatura ou feita com poucas informações prévias, passando por mudanças de interesses e perspectivas de atuação profissional, por insatisfação com o curso e aprovação em outro concurso vestibular, entre outras.

Quais os prejuízos que a evasão traz para a instituição?

Para a UFSC, assim como para as demais instituições públicas de ensino superior, a evasão é uma perda, uma interrupção em um serviço que vinha sendo prestado. Em minha opinião a evasão é um insucesso no processo de formação do estudante e quando a relação que ocorre entre a instituição e o indivíduo é interrompida é comum que ambas as partes tenham contribuído para isto. Outro prejuízo causado pela evasão em uma universidade pública é a redução do seu retorno social frente aos recursos públicos nela alocados. Mas a evasão distribui prejuízos a todos na medida em que as instituições privadas também perdem receita quando estudantes abandonam seus cursos e, para os estudantes, o abandono de um curso envolve a frustração de um objetivo, além da perda de tempo e dinheiro gasto tanto para frequentar o curso com deslocamentos, alimentação, livros e materiais quanto para o pagamento de mensalidades em instituições privadas. A sociedade como um todo também sofre uma perda, pois deixa de contar com mais um profissional qualificado para exercer atividades diferenciadas no seu desenvolvimento.



Dificuldades financeiras, falta de tempo para conciliar estudos e trabalho, desvalorização do diploma no mercado de trabalho e baixos salários aos graduados estão entre as causas do abandono

Formação docente ainda carece de políticas permanentes

Moacir Loth
Jornalista na Agecom

Promovido pelo Instituto de Pesquisas e Estudos em Administração Universitária (Inpeau), da Universidade Federal de Santa Catarina, o Fórum Universidade em Debate concluiu pela necessidade de políticas permanentes e consistentes para a formação e a qualidade da educação básica. Os palestrantes foram unânimes na defesa de uma maior valorização dos professores e da multiplicação dos investimentos no ensino público. O evento foi realizado quinta-feira (19/03) à noite, no auditório do Centro Sócio-Econômico, que ficou lotado principalmente por educadores da rede pública.

O reitor Alvaro Toubes Prata abriu o Fórum destacando o papel das universidades federais para a melhoria do quadro educacional brasileiro. Em relação à UFSC, enfatizou a interiorização através dos campi de Joinville, Curitiba e Araranguá, além de comemorar a implantação da Universidade da Fronteira Sul em Chapecó. As boas vindas aos presentes foram dadas pelo diretor do Centro Sócio-Econômico, Ricardo Oliveira, e pelo diretor do Inpeau, Pedro Melo, que mediou os debates.

A educadora Leda Scheibe inaugurou a série de palestras lembrando o papel estratégico da formação do professor para o desenvolvimento da cidadania. Para ela, o desafio do Brasil é implantar um sistema nacional que atenda às exigências do conjunto da população. Chamou atenção para a Conferência Nacional de Educação em 2010 e considerou como um passo positivo o estabelecimento de um piso nacional para o magistério.

O segundo palestrante, Dilvo Ristoff, ex-diretor de Educação Básica da Capes e coordenador da Comissão de Implantação da Universidade da Fronteira Sul, frisou que políticas de educação só se sustentam com dados confiáveis. Ele acompanha a situação da educação de perto desde 2003. "O quadro não melhorou muito e em alguns casos até piorou", lamentou. Dilvo, contudo, fez questão de salientar os investimentos e programas do Governo Federal na área, cujos resultados, segundo ele, já começaram a aparecer, sobretudo com a expansão da universidade pública.

Fernando Spaniol, professor da UFSC e diretor da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), apresentou um histórico da evolução das tecnologias da comunicação e da educação.

Já o ex-reitor da UFSC e atual secretário de Educação de Florianópolis, Rodolfo Joaquim Pinto da Luz, considera fundamental uma maior articulação entre o Governo Federal, os municípios e os estados. Ele considera a falta de financiamento como um empecilho à universalização da escola. "Os investimentos cresceram, mas continuam longe do ideal", concluiu.

No lugar do secretário de Estado da Educação, Paulo Bauer, compareceu o diretor de Educação Básica, Antônio Pazeto. Ele detalhou as principais ações do Estado para a melhoria da qualidade do ensino. Reconheceu, porém, os problemas de pessoal e de ordem salarial. Santa Catarina é, por exemplo, um dos cinco estados que está tentando impugnar o piso de R\$ 950,00 para o magistério. Pazeto divide a responsabilidade com a classe política.

No final, os debates transformaram-se numa espécie de protesto contra a política educacional vigente no Estado. Pazeto acabou concordando com a maioria das críticas levantadas, e aproveitou para anunciar que os professores voltarão a contar com licença para realização de especializações, mestrados e doutorados.

O Fórum organizado pelo Inpeau teve como parceiros o Centro Sócio-Econômico, a Fundação de Pesquisas e Estudos Socioeconômicos (Fapese) e a Agência de Comunicação da UFSC (Agecom).

O evento foi transmitido *online* pelo Laboratório de Ensino a Distância (LED).

Casa solar brasileira participa de concurso na Espanha

O evento foi criado em 2002 pelo Departamento de Energia dos Estados Unidos para sensibilizar estudantes, autoridades e a sociedade sobre as vantagens e possibilidades do uso de energias renováveis e das construções energeticamente eficientes

Paulo Clóvis Schmitz
Jornalista na Agecom

Professores e estudantes da UFSC e de mais cinco universidades brasileiras estão elaborando o projeto da casa que vai representar o Brasil no concurso Solar Decathlon Europe 2010, que acontecerá em Madri, Espanha, em junho do próximo ano. O evento foi criado em 2002 pelo Departamento de Energia dos Estados Unidos para sensibilizar estudantes, autoridades e a sociedade sobre as vantagens e possibilidades do uso de energias renováveis e das construções energeticamente eficientes. As três primeiras edições – 2002, 2005 e 2007 – foram realizadas em Washington, e agora, pela primeira vez, o certame chega ao continente europeu. Esta edição marca também a primeira participação brasileira.

De acordo com o professor José Kós, do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFSC, é intenção do concurso, também, mudar a percepção e aumentar o contato da população com a energia solar, cujo uso não tem impactos sobre o meio ambiente. “As universidades vêm pesquisando soluções de ponta, porque esse tipo de energia ainda é cara e de eficiência reduzida para ser adotada de forma maciça pelas pessoas”, diz ele. Desde que foi criado, o evento procura fomen-

tar as tecnologias limpas de construção, para que se difundam rapidamente no mercado. Por tabela, busca-se provocar a indústria do segmento, que luta para reduzir os custos das casas ecologicamente eficientes.

Para o Solar Decathlon Europe 2010, o Consórcio Brasil – formado pela UFSC, USP, UFMG, UFRJ, Unicamp e UFRGS – tem até o final deste mês para entregar o projeto básico e deve enviar uma equipe a Madri, em maio, para uma reunião preparatória do evento. O projeto definitivo deve estar pronto em setembro, e o plano de operações para a montagem do protótipo precisa ser entregue em março de 2010. O professor Kós e os cerca de 30 alunos e docentes que participam do consórcio não falam muito sobre o projeto brasileiro, porque ele ainda está em fase de elaboração e pelo cuidado em não abrir informações que podem ser estratégicas para um bom desempenho no concurso.

O que eles admitem é que, além da estrutura da casa, os equipamentos devem ser muito eficientes, para otimizar o uso da energia solar. Placas fotovoltaicas e painéis térmicos precisam maximizar a captação da energia, mas o sistema de refrigeração e aquecimento e todos os eletrodomésticos e eletroeletrônicos que ficarão dentro da casa também devem ser os mais eficientes do mercado, para que a relação entre captação e consumo

de energia seja o mais equilibrado possível. É aí que o concurso pode ser decidido entre um e outro concorrente. Por isso, este é um projeto caro (estimado em R\$ 5 milhões), razão pela qual o consórcio vem buscando patrocínios e apoios de agências de fomento à pesquisa e da iniciativa privada.

Como nas edições anteriores, as casas ficarão lado a lado, atraindo a atenção dos moradores, turistas, de universitários e de empresas que trabalham com a construção de moradias eficientes do ponto de vista energético. Os alunos que ajudam a montar o projeto vão operar os equipamentos, fazendo comida, lavando roupa e operando computadores e outros equipamentos que dependem da energia filtrada pelos painéis de captação. A área acondicionada deve ter de 42 a 74 metros quadrados, e qualquer deslizamento em relação às medidas e a outros requisitos implica na perda de pontos no concurso.

Antes de chegar a esta etapa, foram realizadas competições internas e entre as universidades participantes, para apontar os projetos mais viáveis. A UFSC ficou com o primeiro e o terceiro lugares (neste caso, empatada com a UFRGS), e um projeto da Unicamp ficou na segunda posição. A parceria entre a Arquitetura e a Engenharia Civil, por meio do laboratório do professor Roberto Lamberts, foi fundamental para o êxito da proposta

da UFSC. A partir de junho deste ano, a casa solar brasileira será exposta na Universidade de São Paulo (USP), onde terá grande visibilidade, e é possível que após o concurso de Madri ela seja montada em diferentes capitais brasileiras para que suas vantagens e peculiaridades sejam mostradas a todo o país.

“Para a universidade, este concurso é positivo porque envolve pesquisadores de várias áreas e laboratórios”, afirma o professor José Kós. “As discussões geradas pelo projeto e o fato de envolver alunos que sairão da instituição com outra visão de construção de residências também é importante. Uma versão mais simples da casa será oferecida depois ao mercado, considerando a realidade brasileira e o público-alvo dessas edificações. Na itinerância pelo país, em 2010, o projeto terá um caráter pedagógico e educativo, pela proposta ecológica e porque prevê o uso de menos cimento, concreto e tijolos do que as moradias convencionais”.

Os organizadores estão oferecendo 100 mil euros para cada uma das 20 equipes selecionadas para participar do evento.

Mais informações acerca da participação das universidades brasileiras no concurso podem ser obtidas com o professor José Kós no telefone (48) 9132-3700 e no e-mail josekos@ufrj.br. Sobre o evento, há dados no site www.solardecathlon.org



(da esq p/ dir) A 1ª e a 3ª colocadas, ambas da UFSC: competições entre as universidades participantes apontaram os projetos mais viáveis



Com apenas um ano, Farmácia Escola já é modelo no Estado

Os atendimentos são divididos em farmácia básica e atendimento excepcional, sistema que permite atender desde aquele paciente que busca um analgésico até o que precisa de uma substância mais especializada para o tratamento de transplantes

Erich Casagrande
Bolsista de Jornalismo na Agecom

A Farmácia Escola da UFSC, inaugurada em 17 de março de 2008, comemorou o primeiro aniversário com uma semana de atividades: palestras de profissionais da área, avaliação do primeiro ano e visita do Ministério da Saúde. Em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde e o estado de Santa Catarina, desenvolve trabalhos de assistência farmacêutica e distribuição de medicamentos financiados pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Atualmente são mais de seis mil pessoas atendidas pelo projeto.

Farmácia Referência - Com apenas um ano, a Farmácia Escola se tornou referência em todo o Estado e modelo a ser aplicado em outras universidades. Os atendimentos são divididos em farmácia básica e atendimento excepcional (alto-custo), sistema que permite

atender desde aquele paciente que busca um analgésico até o que precisa de uma substância mais especializada para o tratamento de transplantes, por exemplo.

No atendimento excepcional são cerca de 5 mil pacientes que vêm todo mês retirar medicamentos. Desses, 28% apresentam dislipidemia (alteração dos níveis de colesterol) ou esquizofrenia, as doenças mais recorrentes. Os pacientes do atendimento alto-custo devem aguardar entre 30 e 40 dias para receber a medicação, pois é necessária a abertura de um processo a ser aprovado pelo governo.

A farmácia básica atende 1.300 pacientes, que não precisam aguardar para receber a medicação. Basta possuir prescrição médica e o cartão do SUS, que pode ser feito na hora mediante a comprovação de residência em Florianópolis e apresentação do RG.

Os pacientes que não residem na

Capital devem buscar postos de saúde ou farmácias que atendem pelo SUS em seus respectivos municípios, já que não é permitido o fornecimento de remédios para moradores de outras cidades.

Aline Aparecida Foppa, farmacêutica graduada pela UFSC, afirma que é preciso um trabalho que aproxime o Hospital Universitário da Farmácia Escola, a fim de evitar que pacientes de outras cidades venham buscar os medicamentos em vão.

Entre professores, farmacêuticos e técnicos de enfermagem são 16 funcionários que trabalham no setor, além de 25 estagiários do curso de Farmácia da UFSC. Ao todo são 41 profissionais que, além do atendimento, desenvolvem pesquisas e acompanhamento farmacoterapêutico, que consiste no uso racional dos medicamentos, evitando que pacientes abandonem o tratamento ou façam um uso indevido de outros fármacos. Há também alunos da pós-graduação

da UFSC elaborando duas dissertações de mestrado e duas teses de doutorado.

Atualmente a Farmácia Escola atende pacientes de todos os níveis socioeconômicos. No início o público das classes A e B era a grande maioria. A mudança no perfil, segundo Alexandre Luiz Pereira, farmacêutico da prefeitura de Florianópolis, deve-se ao gradativo acesso à informação das pessoas de menor renda. Pereira acredita que o sucesso da Farmácia Escola está no atendimento “mais humano”, e isso cria um laço de fidelidade entre a farmácia e o paciente.

A Farmácia Escola funciona de segunda a sexta, das 8h às 17h, no atendimento farmácia básica, e das 8h às 15h, no atendimento excepcional.

Foto: Alexander Kalina/ sxc.hu



Jornalismo: 30 anos bem comemorados

Aula comemorativa, ministrada por quatro professores da primeira turma, sob coordenação do decano Orlando Tambosi, destacou fatos relevantes relacionados à fundação e à história do curso de Jornalismo da UFSC. O evento ocorreu no dia 30/03, no auditório do CCE

Maria Luíza Gil

Bolsista de Jornalismo na Agecom

O quadro, em 1978, era de censura, de jornalistas e manifestantes calados em nome da Lei de Segurança Nacional (LSN). Na lembrança estava a morte do jornalista Vladimir Herzog, que foi torturado para explicar a sua ligação com o Partido Comunista Brasileiro e que morreu, supostamente, ao se enforcar com um cinto. Era ditadura.

Jornalistas de fora de Santa Catarina e interessados em fundar o primeiro curso de jornalismo no Estado travavam lutas desde 1973 para a sua criação. Paulo Brito era um deles. “Quando o curso começou, já havia televisão na cidade, os jornais eram impressos em rotativas e publicavam fotos dos jogadores do Avaí e Figueirense. Havia um mercado para jornalistas”.

Mas foi somente em 8 de março de 1979 que nasceu Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. O primeiro coordenador, o jornalista Moacir Pereira, lembra que um nome tem que ser homenageado neste aniversário de 30 anos. “Foi preciso que uma pessoa – Caspar Erich Stemmer, o reitor da UFSC na época – com formação fora da área de comunicação tivesse a sensibilidade para perceber que Santa Catarina precisava criar um curso de Jornalismo”. Moacir relata também que em Florianópolis havia um movimento contrário à idéia. Empresários, jornalistas e a própria imprensa diziam que o mercado já estava saturado, que não havia professores, e que o “jornalista já nasce feito”. O único periódico catarinense que apoiava o curso era o *Jornal de Santa Catarina*, com sede em Blumenau.

“Ouço a frase ‘não é o diploma que faz o jornalista’ desde que comecei a dizer, na redação de *O Estado*, em 1972, que pretendia fazer o curso de Jornalismo. Aquela lenda urbana segundo a qual jornalismo se aprende fazendo não se sustenta. Primeiro, porque as redações estão tão ‘enxutas’ que ninguém tem tempo de conversar trivialidades, quanto mais fazer transmissão de tecnologia e vivências. Depois, porque há cada vez menos jornalistas experientes nas redações”, diz o jornalista César Valente, um dos fundadores do curso.

O professor Eduardo Meditsch conta que foi dos corredores do Jornalismo que saiu o Movimento das Diretas Já em SC. Ex-aluno e atual presidente da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), Sérgio Murillo de Andrade ressalta a importância que o curso teve no cenário político. “Esse curso sempre esteve na liderança de grandes lutas. Muito do que a gente viu, vê e considera uma conquista é criação dos alunos e professores do curso de Jornalismo”.

Mas quando a primeira turma se formou, em 1982, foram observadas deficiências do ponto de

vista técnico e científico. O curso funcionava em espaço físico reduzido, tinha poucos equipamentos e quase nenhuma estrutura laboratorial. Esta era uma das razões para que os alunos protestassem, lembra o diretor do Centro de Comunicação e Expressão, professor Felício Wesslign Margotti. “Lembro-me de quando os alunos colocaram as máquinas de escrever dentro de um carrinho de supermercado e foram protestar na Reitoria”.

Em 1984, constatou-se a inviabilidade de se levar adiante um projeto estritamente político e muitos professores deixaram a universidade. A reconstrução começou em 1988, sem que a formação política fosse descartada, mas com cuidado para que não se sobrepujasse às outras. Era necessária a adaptação às realidades do mercado.

A década de 1990 marcou a consolidação do projeto que visava à formação profissional de jornalistas. Exemplo disso foi o programa diário de rádio “Universidade Aberta”, produzido por alunos. Em 1996, o projeto se ampliou para a TV, em 1997 para a mídia impressa e em 1998 criou-se o primeiro site jornalístico de SC, antecipando-se às empresas de comunicação.

Em 2006, o curso recebeu conceito máximo (nota 5) no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade). Quanto à estrutura, pode-se dizer que melhorou bastante em relação ao princípio. São laboratórios de infografia, fotografia, televisão, novas mídias, rádio e redação. No corpo docente estão 21 professores efetivos e cinco substitutos. Nos projetos, há desde mídia impressa e o jornal laboratório *Zero* até os mais recentes estudos sobre TV digital, no Núcleo de TV Digital Interativa. Por semestre são aprovados 30 estudantes no vestibular.

Depois de 30 anos, alguns dos fundadores – Moacir Pereira, César Valente, Paulo Brito e Maria Elena Hermosilla – foram dar uma aula inaugural assistida por um auditório lotado de alunos, ex-alunos, professores, além do reitor Alvaro Prata, do presidente da Fenaj, Sérgio Murillo de Andrade, e do presidente do Sindicato dos Jornalistas (SJSC), Rubens Lunge. O tema era a visão sobre a formação do curso superior e do mercado de trabalho. A mesa foi coordenada pelo decano Orlando Tambosi.

Mas o assunto mais debatido foi a obrigatoriedade do diploma para exercer a profissão de jornalista. “Mesmo com a legislação atual, qualquer pessoa pode escrever, remuneradamente ou não, nos jornais. Extinguir a regulamentação profissional não abrirá mercado de trabalho, não abrirá novos canais de expressão, não aliviará em nada a vida daqueles que acham que não têm voz. Mas, é claro, será uma maravilha para as empresas, que ficarão livres dessa legislação ‘fascista’ que tanto as incomoda”, alerta o jornalista César Valente.

Sintufsc inaugura auditório José de Assis Filho

Foto: Ricardo Casarini/Sintufsc



Assis Filho foi militante das causas sociais: atuou na liderança comunitária do bairro Pantanal, onde vivia, e participou ativamente do movimento em defesa do passe livre

Paulo Liedtke

Equipe da Agecom

Foi inaugurado no dia 17/3 o auditório do Sindicato dos Trabalhadores da UFSC (Sintufsc) em cerimônia realizada na sede da entidade. O evento serviu para homenagear o ex-coordenador geral, José de Assis Filho, falecido em 17 de março do ano passado.

O novo auditório, com capacidade para setenta pessoas, estava praticamente lotado. Além de trabalhadores da UFSC, familiares e militantes de movimentos sociais compareceram à cerimônia conduzida pelo padre Vilson Groh. Ele enalteceu a importância do ato para celebrar a vida, um momento social e político em memória de um militante que deixou um legado para as próximas gerações: “a missão de não perder o sonho, a esperança de pensar num mundo diferente”. O padre afirmou que atos como esse irradiam de luz a universidade, ressaltando seu compromisso de partilhar a construção de uma sociedade melhor através do conhecimento. Finalizou dizendo “que a vida não morre, morre apenas o corpo”, acrescentando uma passagem bíblica: “ressuscitarei na luta do meu povo”.

Um vídeo de aproximadamente quatro minutos foi exibido para resgatar a militância política de Assis. A professora Doroti Martins coletou flores no campus para fazer sua homenagem ao ex-companheiro.

Modesto Azevedo, representando a União das Entidades Comunitárias (UFECO), enalteceu a militância de Assis pelas causas sociais e do movimento estudantil, pois tinha sido muito atuante na campanha em defesa do passe livre. Paulo Wilpert, militante do PSOL, enfatizou que José de Assis não era exclusivo da UFSC, lembrando sua liderança comunitária no bairro Pantanal. “Nada acontecia sem a presença dele”.

O filho, Adriano de Assis, falou em nome dos familiares, lembrando o drama que a família viveu há um ano. Disse que o pai recebeu homenagens de todo País, citando como exemplo um telefonema que receberam da ex-senadora Heloísa Helena. Desejou coragem aos sindicalistas para continuar na luta, a exemplo do pai que nunca reclamou da intensa vida de trabalhador e militante.

Pela diretoria do Sintufsc houve várias manifestações. Marco Borges memorizou a trajetória e as lutas de Assis. Inaura Graciosa, muito emocionada, lembrou a militância em defesa dos aposentados. Raquel Moysés disse que considerava Assis “um educador de humanas gentes”.

Armando Lisboa, presidente da Associação dos Professores da UFSC (Apufsc), considerou o evento uma homenagem a todos os heróis da luta, especialmente os trabalhadores da Universidade. Lembrou as intervenções de Assis em defesa da URP dos professores, em comvente discurso na Assembleia Legislativa. Encerrou sua fala recitando um poema de Cruz e Sousa.

A cerimônia foi finalizada com o descerramento da placa com os dizeres: “Auditório José de Assis Filho, em memória do companheiro que com seu povo caminhou em luta pela causa da vida”.



Foto: Paulo Noronha/ Agecom

(da esq p/ dir) Paulo Britto, César Valente, Orlando Tambosi (mediador), Moacir Pereira e Maria Elena Hermosilla

Discursos sobre direitos humanos

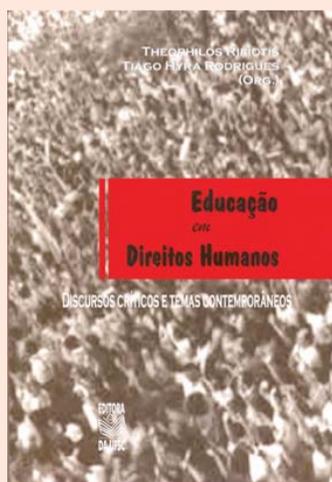
Artemio Reinaldo de Souza
Jornalista na Agecom

No ano em que a Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU completa 60 anos, o maio de 68 de Paris chega aos quarenta anos e a Constituição Federal de 1988 atinge os vinte anos, o livro *Educação em Direitos Humanos – Discursos críticos e temas contemporâneos*, de Theophilus Rifiotis e Tiago Hyra Rodrigues, publicado pela Editora da UFSC, chega num momento de efervescência, considerando o cenário histórico, as condições políticas, os desafios e limites antropológicos do próprio debate, especialmente no Brasil contemporâneo.

A obra é resultado dos trabalhos desenvolvidos no âmbito do projeto “Educação em e para os Direitos Humanos em Santa Catarina”, financiado pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad), do MEC e pela Secretaria Especial de Direitos Humanos (Sedh) da Presidência da República, por meio da Subsecretaria de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos (Spddh), e realizado pelo LEVIS (Laboratório de Estudos das Violências) da UFSC.

O projeto é, basicamente, um conjunto de atividades prevendo a consolidação do Comitê Catarinense de Educação em Direitos Humanos. Segundo Rifiotis, todas essas atividades foram desenvolvidas dentro de uma compreensão de que a Educação em Direitos Humanos é plural e não pode ser restrita a conceitos e definições abstratas, tampouco a um conjunto de garantias jurídicas ditadas por dispositivos normativos. “No nosso projeto, a Educação em Direitos Humanos é concebida de modo dinâmico e interativo, uma dimensão da experiência social sempre passível de assumir as múltiplas configurações contextuais que são características das sociedades contemporâneas”, acrescenta.

Eduardo Bittar, do Departamento de Filosofia e Teoria Geral do Direito da Faculdade de Direito da USP, e presidente da Associação Nacional de Direitos Humanos, enfatiza que o livro é um marco para a literatura da área, especialmente pela diversidade das leituras críticas e pela construção de uma visão acadêmica partilhada com as questões sociais contemporâneas.



Debate defende uniformização da jornada de trabalho

Enquanto reitor prega cumprimento da carga atual, sindicato propõe implantação das seis horas para já

Foto: Jones Bastos/ Agecom

Num debate público, que os próprios trabalhadores técnico-administrativos consideraram histórico, pelo seu ineditismo e pela abertura de um diálogo direto entre a Administração Central e os servidores, o tema da jornada de seis horas foi dissecado no dia 3 de abril no Centro de Cultura e Eventos da UFSC. A campanha tem por base o decreto nº 4.836, de setembro de 2003, que faculta aos dirigentes das instituições públicas o poder de autorizar a implantação da carga horária de 30 horas semanais, em turno único. O reitor da UFSC, Alvaro Toubes Prata, disse entender e apoiar a reivindicação dos trabalhadores, mas teme pela fragilidade legal e jurídica do decreto, cuja aplicação pode ser questionada por órgãos como o Ministério Público e o Tribunal de Contas da União.

Enquanto o assunto continua sendo discutido, outras propostas visando a melhorar as condições de trabalho dentro da instituição podem ser implementadas. Uma delas é a reposição dos quadros, reduzidos em vista das aposentadorias; outra é rever a extinção de vários cargos e aumentar o número de vagas, briga que o reitor promete realizar na Andifes, em Brasília. Uma das ideias colocadas na audiência foi a da criação de uma comissão para fazer um estudo criterioso da proposta da jornada de seis horas, para conhecer melhor a viabilidade de sua implementação. A assembléia também propôs um mapeamento da situação atual por setor dentro da Universidade, aliás, já em execução.

O reitor Alvaro Prata disse que é necessário tornar mais clara a motivação pela jornada alternativa e rebateu a proposta de regularizar a situação dos setores que praticam o regime de quatro horas. Antes disso, afirmou, é preciso fazer com que



Divulgação garantiu bom público no debate que colocou frente a frente a Administração Central e a comunidade universitária

todos cumpram os horários estabelecidos. “A instituição deve conquistar as seis horas por suas práticas”, defendeu.

O reitor também pediu a ajuda das direções dos centros de ensino e do Sintufsc para buscar a uniformização do horário e melhorar as condições no ambiente de trabalho. Para ele, a UFSC deve ampliar seu expediente e não copiar instituições e órgãos de governo que reduziram o tempo de atendimento à população.

Conferência subsidia políticas para valorizar quem trabalha no serviço público

Evento realizado na UFSC discutiu temas como planos de carreira, políticas de remuneração, avaliação de desempenho e gestão por competências

Da Equipe da Agecom

Os subsídios da etapa regional sul da Conferência Nacional de Recursos Humanos da Administração Pública Federal, realizada entre os dias 25 e 27 deste mês na UFSC, serão encaminhados para a Secretaria de Recursos Humanos do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão do governo federal. Eles ajudarão a construir a política de RH que vem sendo implementada no âmbito federal, alcançando a totalidade dos servidores públicos, e que será tema de conferência nacional marcada para o período de 6 a 9 de junho no Centro de Convenções Ulysses Guimarães, em Brasília. O evento foi viabilizado, em sistema de parceria, pelo Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, e a pró-reitoria de Desenvolvimento Humano e Social da UFSC (PRDHS).

Foram discutidos temas cruciais para o governo e os servidores, como gestão por competências, políticas de remuneração, planos de carreira, gestão de pessoas, avaliação de desempenho, negociação coletiva e saúde, previdência e benefícios do servidor. Atualmente, a política de pessoal é considerada estra-

tégica para que o governo se torne mais atuante e presente no enfrentamento dos grandes desafios nacionais, em seu papel de promotor do crescimento e da justiça social.

Os representantes do Ministério do Planejamento e de outras instâncias governamentais destacaram, no decorrer da conferência, as ações de Brasília para aprimorar a política de recursos humanos, ampliando a interlocução entre o Estado, as entidades sindicais e a sociedade civil. Professores e representantes dos servidores expuseram a visão de quem é objeto dessa política, questionando aspectos como a terceirização da mão-de-obra dentro do serviço público, o caráter punitivo da avaliação por desempenho e o fim da paridade e da integralidade na aposentadoria dos funcionários.

Existem hoje, segundo Rafael de Souza Moreira, do Ministério do Planejamento, 129 carreiras dentro do serviço público, fora os planos especiais de cargos (PECs) e outros níveis de classificação dos funcionários federais. As remunerações estão defasadas em relação ao setor privado, existe pouca abertura para negociações com entidades representativas dos servidores e há muitos trabalhadores terceirizados e temporários exercendo funções historicamente desempenhadas por funcionários de carreira. Além disso, inúmeros obstáculos técnicos, conceituais, jurídicos, constitucionais, políticos e administrativos impedem avanços e mudanças nos regimes que norteiam

as relações do Estado com seu quadro funcional.

“É preciso acabar com o patrimonialismo, transcender o modelo burocrático rígido implantado nas últimas décadas, buscar avaliações de desempenho mais fidedignas e recompor a força de trabalho dentro do governo”, prega o representante do ministério. Ele coloca entre os desafios do sistema a profissionalização do serviço público, a adoção de critérios justos de remuneração e a busca de “um ambiente de inovação e criatividade na administração pública federal”.

Presente num dos painéis, Luiz Fernando Silva, da Confederação dos Trabalhadores no Serviço Público Federal, apontou as distorções de gestão do segmento pelo governo. Para ele, a evolução tecnológica e a mudança do aparelho de Estado nas últimas décadas não foram acompanhadas pela melhoria de desempenho no serviço público. “Cerca de 70% dos servidores exercem hoje funções não previstas em seu cargo de origem”, denuncia. “Não há perspectivas de crescimento funcional e muitos cargos de nível superior foram transferidos para servidores terceirizados, uma herança nociva do governo passado”.

Já a gestão de pessoas e a avaliação de desempenho são medidas previstas na Lei 11.784, de 22 de setembro de 2008, que tem como objetivos promover a melhoria da qualificação dos serviços públicos e subsidiar a política de gestão de pessoas, principalmente quanto à capacitação, desenvolvimento no cargo ou na carreira, remuneração e movimentação de pessoal.

O secretário do Ministério, Duvanier Paiva Ferreira, frisou que a conferência tem o papel de construir políticas públicas para a área. “Neste sentido, estamos dando passos estratégicos de forma participativa e coletiva”, ressaltou.



Duvanier Ferreira acredita que os debates contribuem com a construção de políticas públicas para a área

Foto: Paulo Noronha/ Agecom

Ombudsman

Diversidade de temas

Como veículo institucional, de periodicidade mensal, o *Jornal Universitário* vem cumprindo bem sua missão de produzir comunicação ao público interno. No caso da Universidade Federal de Santa Catarina, campo fértil para a produção científica, é no mínimo incompreensível o desprezo da mídia local/regional em relação à excelente produção da instituição de ensino superior, que em 48 anos de vida formou mais de 50 mil profissionais. Folheando as últimas edições do jornal, comprova-se em suas páginas uma coerente política pública de comunicação, com reportagens de fundo que poderiam repercutir em outros veículos, no mínimo servindo como pauta para matérias de vivo interesse popular, como a técnica da hidroponia (edição de dezembro de 2008), o Projeto Amanhecer e suas terapias alternativas (outubro de 2008), desenvolvimento sustentável: mito ou alternativa viável (setembro de 2008). E muitas outras...

Na edição de março de 2009, o bem ilustrado artigo "Sauvas e fundações", do emérito professor Luiz Pinguelli Rosa, nos faz refletir sobre um dos piores males brasileiros, ou seja, a mentalidade bacharelesca e burocrática, a verdadeira volúpia por regulamentos, enquistada nos três poderes da República. Isto num país que já teve até um ministério da Desburocratização (lutou em vão o saudoso ministro Hélio Beltrão). Advertindo que medidas tomadas recentemente pelo governo poderão levar a um retrocesso, a uma volta ao passado, o autor do artigo, citando Lima Barreto, assinala que vivemos num império dos bacharéis e da burocracia, brandindo: "Ou o Brasil acaba com a mentalidade bacharelesca dominante em esferas dos Poderes da República ou essa mentalidade acaba com o Brasil."

Na página 4, destaque para a matéria enfocando o Ano Internacional da Astronomia. Na página 5, a polêmica em torno do sistema de cotas, informando de decisões da Justiça favoráveis à UFSC. As páginas centrais (6 e



7), sobre os 48 anos da universidade, pecam pelo excesso de textos, que poderiam ser melhor dimensionados, cedendo lugar a fotos e/ou ilustrações, que facilitariam e atrairiam a leitura. Na página 8, a matéria "Trote, só se for solidário" é complementada por um box com um artigo do arguto jornalista Ruy Castro, originalmente publicado na Folha de S. Paulo no dia 16 de fevereiro. Nele, o autor relembra o trote selvagem aplicado pelos veteranos de uma escola de veterinária em Leme, SP, num calouro (chutes, chicotadas, intoxicação alcoólica e ser lambuzado com fezes e com animais em decomposição) para enfim perguntar: "Quem são os animais?" A contracapa, em texto "vazado" sobre coerente ilustração, a matéria "Moçambique e Angola no campus" mostra a experiência de estudantes africanos em Florianópolis, contando as experiências que têm vivido no Brasil.

Com sua diversidade de temas, o *JU* exibe excelente conteúdo. Mas é preciso uma certa atenção ao projeto gráfico, uniformizando títulos e linhas de apoio, valorizando as imagens e recursos gráficos com maior nitidez, que poderiam realçar ainda mais as reportagens especiais das páginas centrais e contracapa, por exemplo. No mais, vida longa ao jornal.

José Roberto Rodrigues, jornalista, assessor de comunicação da UNIASSELVI/FAMEBLU, instituição do Grupo UNIASSELVI, em Blumenau.

Imagem

Além de veteranos e calouros, o início de ano também trouxe as águas de março para o campus. A natureza em fúria deixou rastros: a árvore nas imediações da biblioteca não suportou o solo encharcado e os ventos fortes e sucumbiu.



EdUFSC abre livraria no Centro de Convivência

Mara Cloraci/Paulo Clóvis Schmitz
Jornalistas na Agecom

Inaugurada em março, a loja da Editora da UFSC no Centro de Convivência está dando uma nova dinâmica a esta área da universidade. Trata-se do terceiro posto de vendas da editora, que já tem o Ponto do Livro no térreo da Biblioteca Universitária e uma loja no Centro de Comunicação e Expressão. No mesmo prédio funcionam a agência dos Correios, a Galeria de Arte da UFSC e o Banco do Estado de Santa Catarina, o DCE e o Sebo da Associação dos Amigos do HU. A inauguração foi prestigiada pelo reitor Alvaro Toubes Prata, pelo diretor da EdUFSC, Luiz Henrique de Araújo Dutra, por pró-reitores e funcionários da editora.

Segundo o diretor da editora, a ideia é colocar o livro mais próximo do leitor. O novo ponto substitui a livraria que funcionava na sede da EdUFSC, oferecendo uma nova opção de compra a professores, funcionários e alunos num local melhor situado no campus. "É um espaço muito bonito, um ambiente agradável que valoriza o livro", disse o reitor Alvaro Prata. A Secretária de Cultura e Arte, Maria de Lourdes Alves Borges, ressalta a iniciativa de Luiz Henrique e seu trabalho de revitalização e ampliação do atendimento da editora.

A EdUFSC está entre as três principais editoras universitárias brasileiras e é a maior editora catarinense, com média de 80 novos títulos por ano, um acervo de 200 mil volumes e distribuição que alcança todo o País. Criada em 1980, tem cerca de 1.200 títulos publicados. Os destaques são as coleções e séries Geral, Didática, Ética, Nutrição e Memória Literária de Santa Catarina.



O novo ponto substitui a livraria que funcionava na sede da EdUFSC, oferecendo uma nova opção de compra a professores, funcionários e alunos num local melhor situado no campus

Livro – No dia da inauguração, foi apresentado o volume *Anota aí! Universidade: estudar, aprender, viver...*, de Luiz Teixeira do Vale Pereira e Walter Antonio Bazzo. Conforme o diretor Luiz Henrique Dutra, a obra precisa de uma divulgação intensa para atrair o público ao qual se direciona: os estudantes. Seu conteúdo aproxima os jovens acadêmicos da universidade e os estimula à reflexão.

Mais informações pelo telefone (48) 3721-6603.

Poesia

Antônio Carlos Longen procurou a redação do *Jornal Universitário* para oferecer um poema de sua autoria em homenagem ao filho Pedro Antônio, que cursou a 6ª série no ano passado:

"Esta vai para meu filho Pedro Antônio Longen, que conseguiu a proeza de alcançar todas as notas dez cabíveis em seu boletim em 2008. Quero parabenizá-lo, e que você sirva de exemplo para todas as crianças do Brasil inteiro. Continue sempre assim, que a UFSC te espera de braços abertos: Engenharia Mecânica, avante!".



Foto: sxc.hu

Errata

Ao contrário do que foi publicado na matéria *Santa Catarina de volta ao Rondon* (*JU* 398, pág. 10), a oficina oferecida pelos integrantes do projeto é de Cooperativismo, e não de Corporativismo, prática que o grupo busca combater no município de Rio Preto da Eva, no Amazonas.

JU dos leitores

"Queremos agradecer e elogiar a atuação da Agecom no último curso do NATSAÚDE sobre socorrismo. O trabalho desenvolvido mostra a seriedade e o respeito com que a administração trata seus coordenadores de projetos. Parabéns pela conduta isenta e colaboradora." **Prof. Wilson Pacheco - Diretor do NATSAÚDE**

Histórias e imagens de mar & cultura

*Documentário
faz a junção
entre folclore e
atividade pesqueira*

Celita Fortkamp
Jornalista na Agecom

Embora pareça não ter nenhuma relação com o tema, a frase do antropólogo Adnir Ramos, afirmando que “Santa Catarina tem a maior quantidade de sambaqui no mundo”, abre o documentário *Mar & Cultura* e funciona como um gancho (sem qualquer trocadilho) para expandir histórias e imagens. Histórias como a de Lorena Rosa de Lima, há 54 anos morando no Canal do Linguado (Baía da Babitonga), em São Francisco do Sul, um dos 12 municípios visitados pela produtora e diretora do documentário, Tatiana Kviatkoski.

Como o título sugere, *Mar & Cultura* é uma junção entre o folclore e a atividade da pesca catarinenses, sempre destacando a maricultura como opção para substituir a pesca predatória por uma atividade sustentável. Através dos depoimentos fica claro que esse tipo de atividade transformou a vida de muitos pescadores que antes viviam da pesca artesanal. “O aterramento realizado no Canal para ampliação do asfalto ocasionou a seca da maré e o desaparecimento dos peixes”, diz Lorena Lima de forma melancólica.

Tatiana, maricultora, interessou-se em produzir o documentário porque em conversas com outros maricultores sentiu que faltavam respostas dos setores públicos para entenderem a resistência de certas comunidades ao desenvolvimento de novas atividades, além do não cumprimento e ineficiência da lei de defesa.

“Trabalhando juntos teremos um progresso consciente”, afirma Tatiana, e completa: “com relação ao governo, oferecer produtos de qualidade comprovada, produzidos em água limpa e saudável, vai atrair um turismo de qualidade e, como consequência, gerar mais oportunidades de empregos”. O Estado, segundo ela, ganha ainda com o trabalho de consciência ecológica que os maricultores fazem junto às escolas, mostrando o exemplo de que o cultivo de ostras e mariscos preserva o meio ambiente. O resultado pode ser visto pelo aumento de peixes que habitam o fundo das fazendas.

A UFSC participou do documentário através do Núcleo de Estudos Açorianos (NEA) e disponibilizou o espaço interno da Fortaleza de São José da Ponta Grossa para a projeção do filme e reunião da comunidade local da praia do Forte com as instituições de ensino (alunos e professores de escolas municipais e estaduais), que também participaram das filmagens.

Contatos com Tatiana através do fone (48) 9132-7071.

Foto: Tatiana Kviatkoski